

Consumo de drogas nas escolas: como enfrentar este problema?

Jair Izaías Kappann

Como citar: KAPPANN, J. I. Consumo de drogas nas escolas: como enfrentar este problema?. *In:* XAVIER, A. L. P.; GHAZIRI, S. M.; NÓBREGA, R. M. N.; BRAZ, A. F. L. (Org.). **Retratos da Infância e Juventude: Práticas Sociais e abordagens teóricas no município de Assis/SP.** Marília: Fundepe, 2011. p. 125-133. DOI: <https://doi.org/10.36311/2011.978-85-98176-35-2.p125-133>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Capítulo 22

Consumo de drogas nas escolas: como enfrentar este problema?

Jair Izaias Kappann

Introdução

Neste trabalho, apresentamos algumas reflexões sobre o consumo de drogas por alunos adolescentes, pautadas nos resultados de uma pesquisa que foi realizada com alunos e professores de uma escola pública.

A pesquisa de mestrado foi orientada pelo professor José Luiz Guimarães e tinha como objetivo analisar a percepção de alunos e professores do ensino fundamental em relação às drogas psicoativas e compreender eventuais diferenças ou similaridade de opiniões e concepções entre esses dois grupos. Também visamos analisar a forma com que os participantes percebem, compreendem e reagem ao fenômeno do consumo de drogas no ambiente escolar em todas as suas dimensões e fatores.

Os participantes são 48 alunos de 12 a 16 anos de ambos os sexos e de diferentes turmas do ensino fundamental e 8 dos seus professores, todos de uma escola pública, de ensino fundamental e médio da cidade de Assis-SP. Os adolescentes foram divididos em 6 grupos focais de 8 membros cada, 3 grupos do sexo masculino e 3 feminino, com os quais utilizou-se a técnica do grupo focal e questionários para a coleta dos dados. Com os professores, foram usados entrevistas semidirigidas e questionários. Para analisar os resultados foi utilizada a análise de conteúdo (BARDIN, 1977).

As drogas psicoativas

São consideradas drogas psicoativas toda substância que atua sobre o sistema nervoso central do ser humano, modificando seu comportamento psicológico e algumas funções biológicas. No entanto, seus efeitos devem ser considerados tendo em vista três fatores: a substância, o indivíduo e o meio social onde vive, ou seja, a mesma substância pode causar reações adversas em cada indivíduo, em diferentes ambientes ou contextos sociais (BUCHER, 1992).

Apesar de o consumo dessas substâncias estarem em evidência na atualidade, em todas as épocas e em diferentes culturas, sempre ocorreu o uso de drogas psicoativas, seja de origem vegetal ou química, às vezes em rituais religiosos, outras como remédio para aliviar a fome, a fadiga e toda espécie de sofrimento humano.

Como o primeiro contato e experiência com o uso de drogas geralmente acontece no início da adolescência e para que se possa ter uma melhor compreensão da forma que isso ocorre, serão descritas a seguir algumas considerações sobre esse período do desenvolvimento humano.

Adolescência

A adolescência é uma etapa evolutiva peculiar ao ser humano, caracterizada por transformações biológicas, psicológicas, sociais e culturais que são fundamentais para a estruturação final da personalidade. As características físicas e biológicas são designadas como puberdade e ocorrem por volta dos 12 aos 15 anos de idade. Nem sempre, porém, o início da adolescência coincide com a puberdade que pode precedê-la ou sucedê-la.

A puberdade pode ser determinada cronologicamente e possui poucas diferenças de um indivíduo para outro enquanto a adolescência, por ser marcada por processos psicológicos e sócio-culturais, pode variar muito, tanto na idade quanto no comportamento, dependendo de ocorrências internas e do meio onde o sujeito está inserido (Osório, 1992).

No aspecto psicológico, o principal desafio do adolescente é a conquista de sua identidade pessoal, ou seja, a consciência que tem de si mesmo. Para tanto é muito comum a formação de grupos nessa fase, que se deve a necessidade de socialização e independência pessoal. "Os grupos de jovens têm uma função importante de pólo identificatório, condensando as identificações fragmentadas e dispersas através da coesão afetiva da convivência grupal" (Bucher, 1992 p.33).

Muitas vezes a sociedade tende a considerar a adolescência meramente como uma transição da infância para a idade adulta. Designar uma pessoa como adolescente, às vezes, é uma forma encontrada pelos adultos para não ouvirem o jovem em suas opiniões e contestações. Geralmente, a família e a escola encaram a adolescência somente como um período de preparação para a maturidade. Dessa forma, a eles tudo é permitido ou negado como se não tivessem ainda preparados para tomar qualquer decisão e participar da sociedade como cidadãos.

Dessa forma o adolescente está mais suscetível ao consumo de drogas. Por outro lado a Organização Mundial da Saúde considera mais propensa ao uso de drogas a pessoa: a) sem informações adequadas sobre as drogas e seus efeitos; b) com uma saúde deficiente; c) insatisfeita com sua qualidade de vida; d) com personalidade vulnerável ou mal integrada; e) com fácil acesso às drogas (GALDURÓZ; NOTO; CARLINI, 1997).

Os levantamentos epidemiológicos tornam-se importantes por fornecer dados objetivos para dimensionar de uma maneira mais detalhada e isento de julgamentos de valor o consumo de drogas. Determinam, por exemplo, a quantidade e a frequência do consumo, diferenciando o uso esporádico, frequente da dependência, o tipo de droga preferida por determinada faixa etária, sexo ou segmento social e a prevalência do uso entre a população estudada.

Para determinar a prevalência e o padrão de consumo das diversas substâncias entre os adolescentes, o local preferido pelos pesquisadores é a escola, tanto pela facilidade de obtenção das amostras quanto por ser o local ideal para realizações de ações preventivas (SOARE; JACOBI, 2000; BUCHER, 1996).

Quanto ao uso de drogas entre alunos, o mais recente e completo levantamento conduzido pelos pesquisadores do CEBRID em 2004, com 48.155 estudantes do ensino fundamental e médio de escolas públicas de 27 capitais brasileiras, constatou que o índice médio para o *uso na vida* de drogas, foi: álcool (65,2%), tabaco (24,9%), solventes (15,5%), maconha (5,9%), ansiolítico (4,1%), anfetamínicos (3,7%), cocaína (2,0%) e anticolinérgicos (1,2%). O índice total de experimentação pelos estudantes, exceto álcool e tabaco foi de 22,6%.

Também foi constatado que a primeira experiência é cada vez mais precoce: 12,6% dos alunos de 10-12 anos já fizeram uso na vida de alguma droga psicoativa, exceto álcool e tabaco e 41,2% declararam ter experimentado bebidas alcoólicas (GALDURÓZ et al. 2005).

Em uma pesquisa por nós realizada, na cidade de Assis-SP, (KAPPANN et al., 2004), com a mesma metodologia, constatou-se que os índices de consumo para as drogas mais experimentadas, por ambos os sexos foram: álcool (68,9%), tabaco (22,7%), solventes (10,1%), maconha (6,6%), ansiolíticos (3,8%), anfetamínicos (2,6%), cocaína (1,6%) e anticolinérgicos (1,0%).

O que dizem os professores

Assim como outros problemas que afligem a escola na atualidade, as drogas aparecem neste contexto, como algo que os educadores têm dificuldade de enfrentar. Reconhecem sua impotência diante desse fenômeno que causa, ao mesmo tempo, apreensão, perplexidade e medo, sentimentos que permeiam seus discursos e comportamentos.

Pode-se constatar que o problema das drogas é tema recorrente dentro da escola, seja nos comentários dos estudantes ou nos fatos que ocorrem intra ou extramuros

Uma constatação interessante – e que foi confirmada também pelos adolescentes – foi a importância de determinados grupos no meio escolar e são justamente os que usam drogas ou “parecem usar”. Segundo os participantes, esses grupos exercem

forte influência, em relação aos colegas e até junto aos educadores, pela sua postura contestatória frente às normas estabelecidas.

Considerando que a necessidade de formar grupos faz parte do desenvolvimento normal dos indivíduos, o esforço da escola deveria ser no sentido de integrar esses diferentes grupos, proporcionando meios de expressão adequados, neutralizando assim a influência negativa que por ventura possam ter sobre os colegas, principalmente no que se refere ao uso de drogas.

A opinião dos professores coincide, em alguns aspectos, com as dos grupos de alunos que também apontam a curiosidade e a influência dos grupos que se destacam na escola como motivadores para o uso de drogas. No entanto, os alunos afirmam que não é o grupo que exerce a pressão sobre o adolescente para que use drogas, mas sim àqueles que desejam experimentar é que procuram esses grupos.

Prevenção

A importância da realização da prevenção é ressaltada pelos educadores, mesmo sem que tenham clareza sobre a forma ideal como ela deveria ser realizada. Enfatizam ainda, o combate ao tráfico e a repressão, resquícios do discurso de guerra às drogas que permeia as discussões sobre o assunto na nossa sociedade (Bucher; OLIVEIRA, 1994).

Por outro lado, ressaltam o desconhecimento que têm sobre o tema que consideram importante e atual:

– “Olha a fórmula eu não tenho, mas acho que muitos que entram nessa são filhinhos de papai que estão se drogando e até traficando. (...) mas acho que 80% dos que se envolvem são de famílias pobres, famílias carentes, pai de família, de repente não tem um emprego, que não tem uma estrutura familiar legal. (...) Então a respeito da drogas o que poderia ser feito é criar outras oportunidades para as pessoas.” (M33F)

– “(...) eu gostaria muito de saber mais sobre esse assunto, mas eu realmente... sou bem pequena para entender isso daí, viu?” (C55F)

– “Teria que ser mais firme, sabe? estar pagando bem esses policiais, e estar pondo esses policiais na rua, e fiscalizando mais. Porque hoje você não tem segurança nenhuma.” (S52F)

Apesar da importância do tema e o reconhecimento de sua pertinência na educação escolar, os professores demonstram não possuir um conhecimento apropriado das substâncias psicoativas, ficando limitados ao senso comum e ao conhecimento popular, suscetíveis aos preconceitos ideológicos e sociais e toda espécie de suposição e julgamento de valor.

Drogas na escola

Quando questionados sobre o uso de drogas na escola, os educadores afirmam que existem muitos alunos que a utilizam, mas ressaltam que nunca presenciaram e só chegam a essa constatação pelos “efeitos” causados no comportamento dos alunos.

– “*Olha, no ano passado, nós observamos um consumo maior do que esse ano. Parece que este ano tá mais devagar um pouco. Inclusive alunos que eu via assim com mais dificuldade, esse ano parece que eu estou achando que eles melhoraram um pouquinho (...) mas... pode ser que eles tenham acostumado e nós também tenhamos acostumado com as reações deles.*” (C55F)

– “*Olha, se eu falar pra você que eu já vi, é mentira. Mas eu sei que às vezes a gente tem alunos que entram bêbados na escola, alunos que entram com o olho vermelho, então quer dizer o consumo de maconha, mas eu nunca vi os alunos bebendo ou fumando maconha. E também nunca senti cheiro dentro da escola.*” (P29F)

– “*Eu acho que sim. Tanto que a gente escuta muito assim, aluno falar depois que o aluno foi embora, falar assim: “Fulano fumava pedra no banheiro da escola”. Pra um aluno chegar e falar, quer dizer que acontecia alguma coisa.*” (J35F)

Como os educadores não possuem um entendimento apropriado sobre as substâncias e seus efeitos, os critérios para designar um aluno como usuário é mais subjetivo do que baseado em evidências concretas, o que pode facilmente gerar suspeitas incorretas difíceis de serem desfeitas posteriormente pela mudança de atitude frente a esse aluno que logo é disseminada entre os outros professores.

Por outro lado, o desconhecimento dos professores sobre as drogas, seus efeitos, tipos e formas de utilização acaba gerando suspeitas sobre determinado aluno que muitas vezes não correspondem à realidade, e este estereótipo prejudica-o em suas relações com os colegas, que se afastam dele e deixam-no ainda mais vulnerável para aderir aos grupos que efetivamente consomem drogas.

Também apontam a total falta de estrutura institucional para lidar com alunos que, eventualmente, se tornam usuários frequentes ou dependentes. Não existe nenhum tipo de encaminhamento da questão de uma forma objetiva, somente conversas e tentativas esporádicas e infrutíferas de fazê-los desistir do uso. Isso se deve, principalmente, pelo fato desse tipo de problema estar sendo erroneamente encarado ainda, em uma esfera legal e moral e não como uma questão de saúde e qualidade de vida no atual sistema educacional (BUCHER, 1992).

No que tange à diferenciação por gênero, eles acreditam que os meninos são o maior grupo de risco, sendo que o sexo feminino sequer é mencionado:

Essas opiniões evidenciam que o consumo de drogas entre as meninas é relegado ao esquecimento e não tem a devida atenção, levando-se em conta o alto índice de consumo e o aumento considerável do uso de drogas entre o sexo feminino (KAPPANN et al., 2004).

O que as pesquisas demonstram é que o uso entre o sexo feminino é tão preocupante quanto ao grupo dos meninos, diferenciando-se apenas no tipo de substâncias consumidas e na motivação para o uso, conforme foi apontado na introdução.

No que diz respeito à prevenção, os professores são unânimes em afirmar sua necessidade e apontam a escola como o lugar adequado para que ela aconteça. Sublinham também que essas atividades têm que ser bem preparadas e efetivadas por pessoas conhecedoras do assunto e ainda, que tenham estratégias bem elaboradas para os alunos a que se destinam.

E, a exemplo dos alunos, afirmam que meras palestras informativas e atividades esporádicas não vêm surtindo qualquer efeito para a inibição do uso de drogas ou mudança no comportamento dos alunos.

Quando solicitados a discorrer sobre a melhor forma de realizar a prevenção no meio estudantil, enfatizaram mais o que não deve ser feito, por inócuo e ineficaz, do que sugestões propriamente ditas, mas consideram eficazes os depoimentos de ex-usuários, como pode ser observado a seguir.

Por outro lado, destacam a necessidade de serem capacitados para poder implementar atividades preventivas e enfrentar os problemas existentes na escola e lidar com os alunos usuários com mais naturalidade podendo oferecer a ele o apoio que por ventura venham a precisar. Com o nível atual de conhecimento que possuem sobre o assunto, não se sentem preparados para implementar atividades preventivas.

O que dizem os alunos

Cabe ressaltar que houve muitos confrontos de idéias e diferentes opiniões e concepções dentro dos grupos, mas o clima geral foi de cooperação e respeito mútuo,

entre usuários e não usuários e mesmo entre os que possuíam opiniões divergentes, mostrando assim um cumprimento satisfatório às regras estabelecidas.

As drogas estão presentes na vida cotidiana dos alunos de forma direta, pela experiência pessoal de uso ou de colegas usuários, ou de forma indireta, através dos relatos dos outros. Assim sendo, este assunto não é algo hipotético e distante de suas vidas, mas algo que eles vivenciam rotineiramente.

De um modo geral, os adolescentes manifestaram uma opinião contrária e negativa em relação às drogas e, em muitos casos, transparece mais uma convicção pessoal do que uma decisão tomada com base no conhecimento sobre as substâncias e seus efeitos, mesmo porque a maioria não demonstrou possuir um conhecimento suficiente e aprofundado sobre o assunto.

Mesmo assim, fica nítido que falta aos não-usuários um conhecimento maior que possibilitaria uma argumentação mais convincente, para sustentar sua atitude contrária frente às drogas, e assim fica a percepção que os “especialistas” no assunto, no âmbito escolar, são os colegas que consomem.

Porém, nem sempre, o fato de falarem muito sobre o assunto e com certa desenvoltura significa que sejam usuários, ou tenham um conhecimento apropriado sobre o tema. Muitas vezes, simplesmente se apropriam desta forma de falar e da linguagem característica, por influência do meio ambiente em que vivem e do contato com usuários.

Por outro lado, procuram impressionar os colegas e até os professores que, sem ter um conhecimento maior sobre o assunto, não sabem se eles estão falando sério ou brincando e fica a falsa percepção de que quase todos os alunos são usuários de drogas. Tal constatação fica evidente quando os professores dizem ser o crack a droga mais consumida, o que não corresponde com a realidade retratada pelas pesquisas e nem com as conversas com os alunos. Seria mais correto afirmar que o crack é a droga mais comentada pelos adolescentes desta escola, o que não significa que seja a mais utilizada.

As drogas mais citadas pelos alunos foram: maconha, crack, cocaína, cola, álcool e cigarro. Também citam a “pedra”, que serve para designar o mesclado¹ ou o crack, não havendo uma diferenciação muito clara em alguns momentos.

Cabe ressaltar que eles destacam também as substâncias lícitas tabaco e álcool, na mesma categoria que outras drogas, o que nem sempre acontece na mídia e na sociedade de um modo geral, que evidencia mais as drogas ilegais.

O consumo de substâncias para emagrecer surgiu nas discussões de todos os grupos de alunas, onde muitas delas relataram seu uso e a opinião de que este tipo de medicamento também é uma droga. Mesmo assim, elas declararam estarem insatisfeitas

¹ Mistura de maconha com cocaína, dependendo da proporção é fumada da mesma forma que o crack ou a maconha.

com sua aparência física e pretendem perder peso, nem que para isso tenham que recorrer a métodos inadequados e prejudiciais à saúde, como o hábito de fumar, ou consumir “qualquer coisa que emagreça”.

– “Eu já tomei Desobesi, Lipozam, Pazenol, a gente compra receita, paga pro médico e ele dá.” (GF1F)

– “Eu penso em emagrecer.” (GF2F)

– “A única coisa que eu queria emagrecer é a barriga.” (GF2F)

Na fala das meninas que declararam não querer mais emagrecer fica nítido o fato de que, na verdade, elas se conformaram com esta condição, principalmente por não ter obtido sucesso em suas tentativas, o que não significa que isso deixou de ser um problema para elas. Apontam inclusive o preconceito social com as pessoas que se encontram acima do peso considerado normal.

As meninas também apontam uma pressão por parte das mães para que emagrecam e mantenham um corpo perfeito, mas sem que elas proporcionem as condições adequadas para isso e nem fornecem as devidas orientações.

Apesar de não ser uma unanimidade, a maioria dos adolescentes não acreditam que os amigos influenciam na decisão de usar drogas e percebe-se em suas falas que, se existe tal pressão por parte dos usuários, isso ocorre de forma indireta, “*está todo mundo ali na rodinha, experimenta quem quiser*”, enfatizam os adolescentes.

A opinião de que “ninguém obriga a usar” é a tônica do discurso dos adolescentes. Esta ênfase na responsabilidade pessoal perante as suas escolhas nem sempre é percebida pelos adultos que os tratam como se não tivessem capacidade de decidir e que precisam estar sempre tutelados pelos adultos, que sabem o que é melhor para os mais jovens.

O fato de os usuários não fazerem uma pressão sistemática para que os outros adolescentes usem desmistifica um pouco a idéia que todo usuário é um traficante em potencial e que venderia drogas para sustentar seu próprio vício. Constata-se que não é isso que acontece, até porque segundo eles “*as drogas são caras e ninguém dá para ninguém*”.

Mesmo sendo a escola um dos locais mais importantes para a disseminação de informações sobre drogas, dizem que aprenderam muito pouco sobre o assunto, se limitando a algumas palestras esporádicas e atividades da policia militar na 4ª série:

Constata-se que eles têm a percepção que o consumo de drogas na escola, principalmente a maconha, é bem maior do que demonstram as pesquisas. Porém, quando questionados se realmente viram alguém usando ou comprando são mais reticentes e afirmam “*tem mais à noite*” ou “*tem mais à tarde*”, ou seja, é uma opinião baseada nos comentários alheios e suposições pessoais.

Além das drogas ilícitas, que geralmente chamam bastante a atenção, destacam o consumo constante de bebidas alcoólicas e cigarro. Dizem que muitos alunos vêm embriagados e narram que alguns até chegam a trazer para dentro da escola “*vidrinhos com pinga.*”

Considerações finais

Os resultados obtidos no presente estudo permitem-nos tecer algumas considerações a respeito da questão das drogas no ambiente escolar, ainda que os seus resultados não possam ser generalizados de maneira indiscriminada, devido à complexidade do fenômeno e as peculiaridades específicas de cada grupo estudado. Assim, a realidade de uma escola privada de classe média alta, por exemplo, pode ser bem diferente da que é aqui apresentada.

Porém, essas considerações não devem ser tidas como as únicas possíveis, devido ao fato de tratar-se de um estudo qualitativo, o que permite diversas interpretações que não se esgotam na presente análise, ainda mais tendo em vista a quantidade e a densidade dos dados coletados.

Ficou evidenciado pela análise das falas dos participantes a precariedade do ensino público, e o mais grave, a ineficiência em atingir seu principal objetivo que é ensinar os alunos. Segundo os professores, eles “não conseguem ensinar e os alunos não querem aprender”, predominando o desinteresse mútuo e o desânimo generalizado, que impossibilita a busca de novas alternativas para a transformação desse quadro.

Dentro desse contexto, a questão das drogas é só mais um problema que vem afetar a escola pública atual que já sofre as conseqüências da falta de investimento na qualidade da educação e a necessidade de se atualizar frente às transformações que a sociedade atravessa.

Esta situação só tende a agravar o consumo de substâncias psicoativas, uma vez que o ensino de qualidade é um fator protetor (SLOBODA, 2004; BUCHER, 1996). Destarte, se a escola oferecesse uma educação apropriada, isso por si só constituiria um fator importante para afastar seus alunos das drogas. Principalmente, tendo em vista que em muitos casos o envolvimento do adolescente com esse tipo de produto da sociedade moderna se dá pela falta de conhecimento ou falta de oportunidade de realização pessoal, que passa, necessariamente, por uma educação de qualidade.

O desconhecimento dos educadores aliado aos preconceitos e tabus existentes geram o temor e eles acabam manifestando o medo dos alunos “drogados”. Esse sentimento impede uma relação autêntica entre ambos, prejudicando o ensino e deteriorando a autoridade ética natural do professor, que deveria ser respeitado e não intimidado pelos discentes.

